



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 22/05/2026 e 28/05/2026

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
22/05/2026	11,96	331,90	73,98	6,46	4,63
25/05/2026	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
26/05/2026	11,86	328,60	74,36	6,35	4,57
27/05/2026	11,85	330,60	75,26	6,22	4,52
28/05/2026	11,94	334,10	76,70	6,24	4,55
Média	11,90	331,30	75,08	6,32	4,57

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	114,00	
RS – Não Me Toque	114,00	
PR – Pato Branco	115,00	
PR – M.C.Rondon	112,00	
MT – C.N.Parecis	102,00	
MS – Maracaju	110,00	
GO - Rio Verde	112,50	
BA – L.E.Magalhães	114,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	65,00	CIF
Porto de Paranaguá	68,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	58,00	
SC – Rio do Sul	58,00	
PR – M.C.Rondon	53,00	
PR – Pato Branco	60,00	
MT – C.N.Parecis	44,00	
MS – Maracaju	52,00	
SP – Itapetininga	62,00	
SP – Campinas	66,00	CIF
GO – Rio Verde	54,00	
GO – Jataí	54,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	65,00	
RS – Não Me Toque	66,00	
PR – Pato Branco	70,00	
PR – M.C.Rondon	70,00	

Período: 27/05/2026

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 28/05/2026**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	58,76	115,52	64,24

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
28/05/2026**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	58,66
Feijão (saco 60 Kg)	181,67
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,33
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,30**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,90

(*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias

(**) Referência Março/26, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

O primeiro mês cotado, em Chicago, fechou a quinta-feira (28) em US\$ 11,94/bushel, ficando no mesmo valor de uma semana antes.

Enquanto isso, o plantio da soja, no dia 24/05, atingia a 79% da área esperada nos EUA, contra a média de 68% para a data. Do total semeado, 49% havia germinado, contra 40% na média.

O mercado está atento ao término do plantio nos EUA e ao clima nas regiões produtoras, porém, na semana, mais uma vez, pesou os desencontros relativos à guerra no Oriente Médio. Enquanto em um dia EUA e Irã falam em avanço nas negociações de paz, no outro dia trocam ataques armados, deixando o mundo em suspense. Com isso, o mercado se mantém volátil, girando próximo aos US\$ 12,00/bushel nestas últimas semanas. Para se ter uma ideia, neste dia 28/05 o petróleo voltou a subir forte, ganhando mais de 2% no dia, com o Brent atingindo o valor de US\$ 85,62/barril, porém, para agosto o produto chegou a US\$ 92,64/barril. Isso puxa para cima os preços do óleo de soja em Chicago. Entre os dias 22 e 28 de maio a libra-peso ganhou 3,7%, fechando o dia 28 em 76,70 centavos, a mais alta cotação desde o dia cinco do corrente mês.

E no Brasil, com o câmbio entre R\$ 5,00 e R\$ 5,05 por dólar em boa parte da semana, os preços da oleaginosa subiram um pouco, chegando a R\$ 114,00/saco nas principais praças gaúchas e entre R\$ 102,00 e R\$ 115,00/saco nas demais praças nacionais.

Com a colheita encerrada, o mercado se volta para as perspectivas da futura safra, cujo início da semeadura se dará em setembro. Neste sentido, análises sobre o comportamento dos custos de produção se tornam mais pertinentes. Assim, no Mato Grosso, segundo o Imea e o Senar, em abril o custo de produção continuou subindo. “O custeio da soja, para a safra 2026/27, foi projetado em R\$ 4.286,89 por hectare, com alta de 1,88% em relação a março deste ano. O principal fator desse aumento foi a elevação das despesas com fertilizantes, sendo que os custos com defensivos agrícolas avançaram 2,17%. O levantamento aponta que a aquisição de insumos para a próxima safra ainda está em andamento, o que mantém o custo de produção como um dos principais pontos de atenção para o produtor rural neste momento”.

Por outro lado, em termos de Brasil, “a safra 2026/27 de soja já custa, ao produtor brasileiro, 5,7 sacos por hectare a mais do que a média dos últimos sete anos. Se comparada ao ano anterior, que já foi uma safra bastante cara para o sojicultor, o aumento é de 2,8 sacos. Quem puxa esse aumento de custos mais elevados é o fertilizante. Assim, a safra 2026/27 está se consolidando como a mais cara da última década. Para uma propriedade de 500 hectares, o custo extra, em relação ao ano passado, chega a 1.400 sacos só de insumos. Soma-se a isso um fator que há meses vem alertando o mercado. Trata-se da redução na adubação feita pelos produtores, visando diminuir os custos de produção, mesmo que isso comprometa a produtividade final. Desta forma, o custo cai porque o produtor aplica menos adubo” (cf. Agrinvest Commodities).

Ora, com menor produtividade, preços estacionados em baixa e custos gerais em alta, as margens dos produtores ficam muito baixas, quando não negativas em casos de

clima ruim, como constantemente vem ocorrendo no Rio Grande do Sul, por exemplo. A situação do sojicultor em geral já está difícil, pior ficará diante de produtividades baixas. Portanto, o momento exige muita cautela e gerenciamento por parte dos produtores nacionais.

MERCADO DO MILHO

O primeiro mês cotado, em Chicago, recuou nesta semana, com o fechamento da quinta-feira (28) ficando em US\$ 4,55/bushel, contra US\$ 4,62 uma semana antes.

Enquanto isso, o plantio do milho, nos EUA, até o dia 24/05, atingia a 86% da área esperada, contra a média de 83% para esta data. Do total semeado, 60% havia germinado, contra 58% na média histórica.

E no Brasil os preços melhoraram um pouco, com as principais praças gaúchas pagando R\$ 58,00/saco, enquanto nas demais regiões nacionais os valores oscilaram entre R\$ 44,00 e R\$ 62,00/saco.

Dito isso, estudo feito pelo Imea, em parceria com o Senar-MT, apontou que o milho foi a cultura com maior aumento de custos, naquele Estado, para 2026/27. Em abril o custeio da safra aumentou 2,3%, com pressão de 4,3% de elevação nos fertilizantes e corretivos e de 2,46% nos defensivos agrícolas. Também o custo com sementes subiu. “Com isso, o Custo Operacional Efetivo (COE) do grão apresentou incremento de 1,72% no comparativo mensal, enquanto o Custo Total (CT) avançou 1,25%. Assim, somente o custeio chega a R\$ 3.772,24 por hectare, ganhando 7,2% sobre o ano anterior. Os Custos Operacionais Efetivos (COE) atingem a média de R\$ 5.176,14 por hectare. Por sua vez, enquanto o custo de produção subiu, os preços do saco de milho, no interior do Centro-Oeste, têm oscilado perto dos R\$ 40,00, exigindo maior atenção do produtor com relação às trocas”.

Por sua vez, as exportações brasileiras de milho, nos primeiros 15 dias úteis de maio, atingiram a 201.735 toneladas. Isso significa 625% acima do registrado na média diária de maio do ano passado. O valor médio da tonelada exportada caiu 42,9%, passando de US\$ 467,10, em maio de 2025, para US\$ 266,60 atualmente (cf. Secex).

Enfim, destaque para o início da colheita da safrinha no Mato Grosso, com a mesma atingindo a 0,57% da área até o dia 22/05. A produtividade média é de 118,7 sacos/hectare neste momento (cf. Imea). Dito isso, o clima continua sendo um ponto de atenção junto aos produtores, pois a expectativa, até o final, é que esta produtividade possa ser mantida.

MERCADO DO TRIGO

O trigo igualmente assistiu, em Chicago, um recuo em suas cotações nesta última semana de maio. O bushel do cereal, para o primeiro mês cotado, fechou a quinta-feira (28) em US\$ 6,24, contra US\$ 6,47 uma semana antes.

Dito isso, as condições das lavouras estadunidenses de trigo de inverno, até o dia 24/05, apresentavam-se com 44% entre ruins a muito ruins, 30% regulares e apenas

26% entre boas a muito boas. Já o trigo de primavera, na mesma data, estava com 86% da área esperada semeada, contra 79% na média histórica. Do total semeado, 56% havia germinado, contra 51% na média.

E no Brasil, os preços voltaram a melhorar na média. As principais praças gaúchas se mantiveram entre R\$ 65,00 e R\$ 66,00/saco, porém, no Paraná o produto se consolidou em R\$ 70,00/saco.

Os aumentos de preço estão ligados a falta de produto de qualidade superior, a preços mais elevados na importação, e a forte redução de área semeada que se cristaliza na medida em que o plantio avança neste momento.

No Paraná, no dia 25/05 o plantio do cereal atingia a 61% da área esperada. Já no Rio Grande do Sul o mesmo ainda está em sua fase inicial.

Por outro lado, em 2025 o Brasil moeu 13,3 milhões de toneladas de trigo, com avanço de 0,6% sobre 2024. Foi o maior volume anual desde 2021. Houve maior ocupação da capacidade instalada, com a taxa média superando a 76%. “O Paraná se manteve como o principal polo de moagem de trigo, com 3,9 milhões de toneladas, apesar de uma queda anual de 1%, seguido pelo Rio Grande do Sul (2 milhões de toneladas, +3%) e São Paulo (1,73 milhão de toneladas, -7,6%). Os Estados do Norte e Nordeste, que importam a maior parte da demanda de trigo, verificaram aumento de 4,7% na moagem de trigo, para 3,5 milhões de toneladas. Enquanto isso, o Brasil importou 6,88 milhões de toneladas de trigo em 2025, volume que respondeu por pouco mais da metade do total processado no país. A maior parte das importações veio da Argentina, com 5,4 milhões de toneladas, seguida do Uruguai (767.800 toneladas) e Paraguai (513.000 toneladas)” (cf. Abitrigo).

Enfim, “no Rio Grande do Sul os preços da safra velha continuam melhorando aos poucos. Os moinhos elevaram as indicações para R\$ 1.430,00 a R\$ 1.450,00 por tonelada CIF para trigo normal, sem característica branqueadora ou melhoradora. No mercado FOB, as referências estão em R\$ 1.330,00 para junho, R\$ 1.350,00 para julho e R\$ 1.370,00 para agosto. A tendência de redução na área de trigo para a safra nova é considerada generalizada, diante da falta de sementes e do menor uso de tecnologia. Caso esse movimento se confirme, os preços devem se elevar após a futura colheita. Ainda no estado gaúcho, o trigo melhorador segue difícil de ser encontrado, sendo que as coberturas de junho estão próximas de 100%, enquanto julho é estimado em 40%. Em Santa Catarina, o mercado avança de forma gradual, acompanhando os movimentos do Paraná e do Rio Grande do Sul. Com preços relativamente estáveis nas demais origens, o frete segue como principal fator de diferença nos valores finais. O trigo catarinense passou para R\$ 1.350,00 a R\$ 1.400,00 por tonelada FOB, enquanto as ofertas do Paraná ficaram entre R\$ 1.320,00 e R\$ 1.350,00 no Sudoeste. E no Paraná a escassez de matéria-prima de boa qualidade mantém os preços elevados. Negócios recentes foram reportados a R\$ 1.350,00 por tonelada na região central, R\$ 1.400,00 FOB no norte e R\$ 1.450,00 CIF na região de Curitiba. As ofertas seguem limitadas, com produtores buscando valores maiores e moinhos avaliando propostas, embora as alternativas mais baratas praticamente tenham desaparecido” (cf. TF Agrônômica).